

## O MEIO DIVINO - Plano de apresentação

1. Apresentação de “O Meio Divino”, de Pierre Teilhard de Chardin, através da leitura do Cardeal Henri de Lubac, sacerdote jesuíta, amigo e contemporâneo de T. C., in “La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin”, Cerf, 1962
2. “O Meio Divino” visto por T. C. (“Lettres à Edouard Le Roy”, Ed. Fac. Jésuites de Oaris, 2008)
3. A génese de “O Meio Divino” (René d’Ouinç, “Un prophète en procès : Teilhard de Chardin dans l’Église de son temps”, Aubier, 1970)
4. Introdução à leitura de « O Meio Divino »
5. Leitura comentada do índice da obra

A nossa apresentação de “O Meio Divino”, de Teilhard de Chardin, vai obedecer ao plano que têm nas vossas mãos.

1. Para uma primeira sensibilização à leitura do M.D., quem melhor do que o Cardeal Henri de Lubac, jesuíta seu amigo e contemporâneo, para nos guiar?

Começaria, pois, por citar as suas palavras, quando sintetiza o sentido da obra de T. C. como uma interrogação sobre a vida interior, na relação do cristão com o mundo e com Deus. Para de Lubac, o M.D. abre perspectivas imensas, não apenas cósmicas, mas divinas e, por isso, infinitas. Não convida apenas a pensar, mas também a agir, a ser, a recolher-se em si mesmo. Um livro de espiritualidade, de uma nova espiritualidade que, estando em estreita relação com outras obras de espiritualidade da tradição cristã, vai mais além, trazendo um elemento novo. E qual é esse elemento novo?

É a procura de uma resposta para a crise da época moderna que, segundo T.C., é “uma crise espiritual”, como iremos constatar na introdução com que ele antecede o M.D.

A sua mensagem, segundo de Lubac, é a dum cristão que fala a todos os cristãos do nosso tempo, da sua própria experiência, vivida na fé.

Convida-os a seguirem-no, não para um local reservado apenas a alguns eleitos, mas para uma sólida plataforma fundada em 2000 anos de experiência cristã, donde poderão orientar o seu olhar para Deus.

2. Como via o próprio Teilhard a sua obra o M.D., cujo subtítulo é Ensaio de Vida Interior ?

Em 1926, numa carta a um amigo, o filósofo Édouard Le Roy, T. C. anuncia a obra a que se vai dedicar:

“Tomei a decisão de escrever o meu livro de piedade; descrever, com a maior simplicidade possível, a doutrina ascética ou mística que vivo e prego desde há muito tempo. Será um pequeno tratado de espiritualidade, que conto fazer calmamente, como que numa oração. Vou intitulá-lo «O Meio Divino», e ele empenharei o meu esforço para exprimir as minhas perspectivas, de um modo acessível a todos, cristãmente indiscutível. Ficarei feliz por poder divulgar aquilo que eu creio ser verdadeiro e libertador. Além disso, se conseguir o *nilhil obstat*, isso representará, até certo ponto, a aprovação oficial do meu esforço e, até certo ponto, da minha vida. Fazer-me compreender e reconhecer em Roma pela minha maneira de evangelizar. Julgo que devo tentar sair desta posição marginal para que fui progressivamente arrastado. Se esta tentativa falhar, poderei dizer que fiz todo o possível e encontrarei consolação pensando que é seguramente uma vocação para alguns, viver toda a vida na margem.”

3. Qual foi então a recepção crítica da obra ?

Começado a escrever em 1926 e terminado em 1927, o M.D. é enviado para o superior de T.C., o Provincial da Companhia de Jesus, que, após o ter examinado, o entrega para análise a dois censores. (Não se pode esquecer que em 1924 e 1925, T.C. foi alvo de admoestação por causa do seu escrito sobre o pecado original).

Aprovado por estes, é enviado para Lovaina para ser integrado numa colecção de obras de espiritualidade. Aqui, é de novo analisado, tendo em conta a sua adequação à colecção; a opinião que suscita é entusiástica: “Estas

páginas parecem soberbas, magistrais; são originais, inovadoras no mais alto grau, sendo, no entanto, tão autenticamente tradicionais. Deve ser publicado o mais cedo possível.”

Quando o livro está prestes a ir para impressão, alguém se lembra de que Teilhard teve um dossier em Roma, o que leva, por prudência, a pedir uma aprovação junto dos teólogos romanos que vêm a opor-se à sua publicação. Só em 1957 será publicado o Meio Divino, ainda assim, por iniciativa privada e sem recurso a uma aprovação eclesiástica.

#### 4. “O Meio Divino” – Introdução à leitura da obra

Teilhard de Chardin faz preceder o M.D. de uma epígrafe que é uma dedicatória: “Para aqueles que amam o mundo” (para melhor a compreendermos, relembremos o conceito de esforço humano que analisámos em “15 Dias com T.C.”, de André Dupleix).

Segue-se um Prefácio em que Teilhard afirma que a sua “obra não é um tratado de teologia ascética, mas a simples descrição duma evolução psicológica, vivida num intervalo de tempo bem determinado. Uma série possível de perspectivas interiores que se abrem gradualmente ao espírito ao longo duma ascensão iluminativa.”

Precedendo o corpo da obra, T.C. apresenta uma Introdução em que avança explicações facilitadoras da sua leitura.

De notar que também para esta Introdução encontramos uma nova epígrafe: “Vivemos n’Ele”, que explicita o próprio título da obra “O Meio Divino”.

Na Introdução, T.C. explica a pertinência e oportunidade da escrita do M.D., como resposta a uma situação de crise:

Com efeito, as revelações das Ciências do Real, que ampliam as dimensões tradicionais do espaço e do tempo, que descobrem novas relações entre elementos do Universo, bem como energias desconhecidas, alteram profundamente a visão que o Homem tinha da sua situação na Criação.

Perante a grandeza e a unidade do Universo, o Homem pode “viver com a consciência explícita de que é ou um átomo, ou um cidadão do Universo”.

Esta consciência desperta três tipos de reacções distintas, no plano religioso:

- maravilhar-se e adorar
- angustiar-se
- ficar indiferente

É para os dois primeiros tipos de reacção que o M.D. se destina. Na senda de S. Paulo (Epístola aos Atenienses), T.C. pretende ajudar uns e outros a ver Deus em todo o lado, ser uma educação do olhar, um convite a ler a magnificência do Universo, iluminado por Deus.

Para tanto, explica o caminho por que este convite a olhar é dirigido:

- Ver que a existência de cada homem comporta 2 dimensões:
  - aquilo que faz – as nossas actividades
  - aquilo a que está sujeito – as nossas passividades (cf. “15 Dias”)

Em ambas, Deus está presente.

- Ver a manifestação da sua presença nestas duas faces da nossa existência, ver o Meio Divino.
- Finalmente, ver as propriedades deste Meio Divino, que tudo invade e em que estamos construídos.

#### 5. O António vai agora discriminar este caminho, este percurso de leitura, através de uma reflexão a partir do índice da obra.

Para finalizar, gostaria de lhes ler um testemunho de 1955, ano da sua morte, transcrita no final do livro, em que Teilhard reavalia o Meio Divino:

«Há muito tempo já, tentei na “Missa sobre o Mundo” e no “Meio Divino” registar a minha admiração e o meu espanto. Hoje, volvidos 40 anos de contínua reflexão, é exactamente a mesma visão fundamental que sinto a necessidade de apresentar e de fazer partilhar, com o mesmo espanto e a mesma paixão.»

(Apresentação feita por Maria de Lourdes e António Paixão para uso dos Grupos de Leitura)